

COMO ENSINAR PRONÚNCIA DO INGLÊS SEM PREPARO PARA ISSO? UM LEVANTAMENTO DE CURRÍCULOS E CORPO DOCENTE DOS CURSOS DE LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS DO ESTADO DE GOIÁS



<https://doi.org/10.22533/at.ed.3851325040410>

Data de aceite: 29/04/2025

Kellyanny Chaves Lima

Graduada em Licenciatura em Letras Inglês pela Universidade Federal de Jataí, cursando Licenciatura em Letras Português pela mesma universidade, bolsista PIBIC/CNPq.

Amanda Post da Silveira

Professora do curso de graduação Licenciatura em Letras Inglês da Universidade Federal de Jataí, Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Radboud Nijmegen, Países Baixos, coordenadora do subprojeto PIBID/Capes de Letras Inglês da UFJ.

RESUMO: O ensino da oralidade, fala e pronúncia em salas de aula de Língua Inglesa (LI) é um desafio significativo para muitos professores em serviço. Pesquisas do Instituto de Pesquisas Plano CDE, destinadas ao British Council (2015), destacam a falta de preparação dos futuros professores nesse aspecto. Este estudo visa investigar a implementação de disciplinas focadas na pronúncia da Língua Inglesa em cursos de Licenciatura em Letras. O ensino da oralidade é um dos eixos orientadores esperados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), indicando a necessidade de professores capazes de desenvolver

tais habilidades em sala de aula. Utilizando uma abordagem quantitativa e qualitativa, analisamos as matrizes curriculares e os quadros de docentes de cursos de Letras Inglês e Letras Inglês/Português em cinco Instituições de Ensino Superior (IES) em Goiás. A investigação buscou avaliar a presença de disciplinas e profissionais especializados em pronúncia de Língua Inglesa, como fonética e fonologia, nas grades curriculares e no corpo docente. Os resultados indicam a necessidade de implementação de matérias voltadas ao ensino de oralidade e pronúncia em LI, tanto em IES privadas quanto públicas. Além disso, destacam a demanda por mais professores especializados em Fonética e Fonologia, considerando a expectativa de que os professores em formação estejam preparados para atuar nas escolas públicas regulares, onde a oralidade é um dos eixos orientadores da BNCC na elaboração dos currículos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de pronúncia. Língua Inglesa. Licenciatura. Matriz curricular.

HOW TO TEACH ENGLISH PRONUNCIATION WITHOUT ANY PREPARATION FOR IT? A SURVEY OF CURRICULA AND TEACHING STAFF OF UNDERGRADUATE COURSES IN ENGLISH LETTERS IN THE STATE OF GOIÁS, BRAZIL

ABSTRACT: Teaching oral skills and pronunciation in English Language (EL) classrooms is a significant challenge for many in-service teachers. Research by the Plano CDE Research Institute, intended for the British Council (2015), highlights the lack of preparation of future teachers in this aspect. This study investigates the implementation of subjects focused on English pronunciation in English Letters undergraduate courses. The teaching of speaking is one of the guiding principles expected by the National Common Curricular Base (BNCC), indicating the need for teachers to be capable of developing such skills in the classroom. Using a quantitative and qualitative approach, we analyzed the curricular matrices and teaching staff of English Literature and English/Portuguese Literature courses in five Higher Education Institutions (HEIs) from the State of Goiás. The investigation sought to evaluate the presence of disciplines and professionals specialized in English pronunciation, such as Phonetics and Phonology, in the curriculum and the teaching staff. The results indicate the need to implement subjects aimed at teaching English speaking and English pronunciation, both in private and public HEIs. Furthermore, the results of this survey highlight the demand for more teachers specialized in phonetics and phonology, considering the expectation that those undergraduates will be prepared to work in regular public schools, where orality is one of BNCC's guiding principles in the development of curricula.

KEYWORDS: Pronunciation teaching. English language. Teacher Education. Curriculum.

INTRODUÇÃO

Este artigo pauta-se na análise de pesquisas realizadas pelo Instituto de Pesquisas Plano CDE, além da observação de experiências de professores já licenciados em Letras Inglês, em que nota-se grande dificuldade dos docentes no processo de ensinar pronúncia/oralidade em inglês, e por parte dos alunos em aprender a habilidade oral ou speaking. Dessa maneira, torna-se relevante a análise das matrizes curriculares das licenciaturas para averiguação das matérias ofertadas no que tange o ensino de pronúncia, dado que futuramente esses licenciandos se tornaram professores.

E, para nos auxiliar na justificativa desta pesquisa, investigamos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo que orienta a elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas para o ensino fundamental II e ensino médio, para descobrirmos o que é necessário no ensino de pronúncia e oralidade de Língua Inglesa (LI) nas escolas públicas e privadas, local em que os futuros docentes irão atuar. Um dos eixos essenciais para o ensino de LI, de acordo com a BNCC, é o eixo da oralidade.

Para desenvolvimento da pesquisa, realizamos a análise quantitativa e qualitativa das matrizes curriculares e dos quadros de professores adjuntos das licenciaturas de Letras Inglês e Letras Inglês/Português das seguintes Instituições de Ensino Superior

(IES), que para efeitos de anonimidade serão chamadas de: Universidade Federal 1 (UF1); Universidade Federal 2 (UF2); Universidade Federal 3 (UF3); Universidade Privada (UP1); e Universidade Privada (UP2).

De forma geral, buscamos com este trabalho investigar questões relacionadas à implementação de disciplinas voltadas à pronúncia da Língua Inglesa em cursos de Licenciatura em Letras Inglês, e também serão averiguadas a quantidade de professores adjuntos das universidades especializados na área de ensino de pronúncia (fonética e fonologia), visto que o ensino da oralidade é um dos fatores esperados dos professores pela BNCC na elaboração dos currículos das escolas regulares. Dessa forma, será feito o levantamento de algumas universidades e corpo docente para a averiguação da existência de disciplinas na grade curricular e profissionais que trabalham com ensino de pronúncia/oralidade, como em fonética e fonologia.

Esta pesquisa tem como objetivos específicos: a) averiguar e apresentar informações sobre a existência de matérias e professores adjuntos que trabalham com o ensino de pronúncia nas universidades de Goiás. b) apontar reflexões sobre a necessidade de implementação de disciplinas e docentes que trabalham pronúncia da Língua Inglesa nos cursos de Licenciatura em Letras Inglês.

A escolha do tema é relevante dado que, observando a realidade de algumas universidades, acreditamos na necessidade da implementação de disciplinas e corpo docente que estimulem o trabalho de ensino de pronúncia de língua inglesa nos cursos de licenciatura em Letras Inglês. O ensino de comunicação oral, fala e pronúncia, é considerado, por muitos professores em serviço, um grande desafio em sala de aula devido a fatores como a ausência de preparação dos alunos de Letras Inglês ou Letras Português-Inglês quanto aos conteúdos de fonética e fonologia de língua inglesa, bem como quanto ao ensino de pronúncia (NEDER NETO, 2006; ALVES, 2015). Ainda, a maior parte dos docentes que lecionam nas escolas de ensino regular não possuem formação específica em Língua Inglesa, sendo apenas 33% dos professores com certificados de proficiência no idioma na educação pública brasileira, de acordo com pesquisas realizadas pelo Instituto de Pesquisas Plano CDE, destinada ao British Council (2015).

Além do mais, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) apresenta como um dos três eixos orientadores propostos para o componente Língua Inglesa a oralidade com foco na compreensão e produção oral, assim, as escolas de ensino regular esperam receber professores que consigam desenvolver tais habilidades em sala de aula, mas não é o que acontece, pois parece ser um senso comum nas escolas públicas que não é possível ensinar e aprender comunicação oral e pronúncia do inglês na escola regular (POST DA SILVEIRA, 2024).

A hipótese dessa pesquisa é a de que há uma ausência de disciplinas voltadas à pronúncia da Língua Inglesa nos currículos das Licenciaturas em Letras Inglês, ou Letras Português-Inglês, bem como a ausência de professores do ensino superior que tenham

formação em fonética e fonologia de língua inglesa aptos a promover tais disciplinas aos professores em formação. Procuraremos salientar os aspectos vantajosos para a carreira do futuro docente em sala de aula no que tange o ensino da comunicação oral e pronúncia em língua inglesa, para que, os futuros alunos desse professor, alcancem um desenvolvimento fluido das habilidades necessárias para a aquisição de uma L2 (segunda língua) tanto no período do ensino fundamental II, quanto do ensino médio.

Inicialmente, analisaremos o documento normativo que orienta a elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas para o ensino fundamental II e ensino médio no Brasil, séries em que os futuros professores são preparados para trabalhar, BNCC (BRASIL, 2018), com o intuito de investigar o que é esperado do docente durante as suas aulas no que diz respeito ao ensino de pronúncia. Posteriormente, desenvolvemos uma análise quantitativa e qualitativa dos currículos dos cursos de Letras Inglês (disciplinas de oralidade e pronúncia (Fonética e Fonologia) de universidades de Goiás, que estão disponíveis para consulta pública nos sites das universidades. Também, investigamos a composição do corpo docente das Universidades Federais, uma vez que, por conta da rotatividade de professores, as universidades privadas não disponibilizam para o público os dados dos professores adjuntos. Por último, levantamos uma discussão sobre os dados encontrados a respeito do ensino de pronúncia nas licenciaturas e como a ausência do ensino da oralidade e de professores especializados nessa área afeta no trabalho em sala de aula de professor atuante no ensino regular básico. Esta análise específica será pautada, principalmente, na necessidade da implantação de matérias voltadas ao ensino de pronúncia e oralidade nos cursos de Letras Inglês.

A ÁREA DE LINGUAGENS DA BNCC: O EIXO ORALIDADE E O ESTADO DA ARTE DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE INGLÊS

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) é um documento que promove direcionamentos quanto aos conhecimentos, competências e habilidades essenciais que todos os alunos da Educação Básica devem desenvolver ao longo de sua formação. Foi elaborada para servir de referência para a elaboração dos currículos escolares em todo o Brasil (BRASIL, 2018). Com este intuito, a BNCC define que haja uma área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias que seja uma parte essencial do currículo da Educação Básica das escolas nacionais. Essa área deve abranger diferentes componentes curriculares, incluindo Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna (como o inglês), Artes e Educação Física. Os eixos propostos para a área de Linguagens são balizadoras dos objetivos de aprendizagem e as competências a serem desenvolvidas pelos estudantes.

Os principais eixos relacionados à área de Linguagens: 1) Oralidade e Escrita: visa desenvolver as habilidades de expressão oral e escrita através da compreensão e produção de diferentes gêneros textuais, através do uso adequado da linguagem em diferentes contextos e da leitura e interpretação de textos; 2) Compreensão de textos verbais e não verbais: desenvolver a identificação de elementos textuais (como tema, ideias principais e detalhes), desenvolver a capacidade de análise crítica de textos literários e não literários e de fazer análises linguísticas; 3) Estudo da gramática, morfologia e sintaxe: que pretendem promover a reflexão sobre o uso da língua portuguesa e estrangeira, sobre a aplicação das regras gramaticais na produção textual e de desenvolver produção de textos; 4) Elaboração de textos em diferentes gêneros e formatos: possibilita a capacidade de revisar e aprimorar a escrita, com a utilização de recursos linguísticos para expressar ideias de forma clara e coesa e por meio do conhecimento e expressão Artística; 5) Exploração e apreciação das linguagens artísticas: busca promover o desenvolvimento da criatividade e expressão por meio das artes, conhecer e valorizar a diversidade cultural expressa nas manifestações artísticas; 6) Educação Física: desenvolver a promoção da saúde e do bem-estar por meio da prática de atividades físicas, desenvolvimento de habilidades motoras, compreensão da importância da cultura corporal do movimento.

Com os eixos previstos para a área de Linguagens, a BNCC objetiva propor uma reorganização curricular das escolas básicas com o fim de proporcionar uma formação integral aos estudantes, contemplando aspectos cognitivos, sociais, emocionais e culturais. Os eixos mencionados na área de Linguagens visam orientar a construção dos currículos escolares, promovendo a articulação entre os diferentes componentes curriculares para uma educação que pretenda ser mais integrada e significativa. Contudo esses objetivos esbarram muitas vezes em diversas ausências da estrutura escolar enquanto instituição, nos seus muitos aspectos - organizacionais, estruturas físicas, materiais didáticos - e também quanto à formação dos diretores de escola, dos coordenadores pedagógicos e de área, e por fim, dos professores das áreas de Linguagens. Embora a contradição entre documento e realidade escolar no que concerne a área de Linguagens seja ouvida de muitos professores em serviço, pouco tem sido analisado criticamente até o momento.

O ensino de Inglês proposto pela BNCC apresenta um caráter formativo, em que somos levados a observar relações entre língua, território e cultura a fim de descobrirmos, diante dessa perspectiva globalizada, “que inglês ensinamos na escola?”, uma vez que os falantes dessa língua não estão apenas nos países onde a língua é oficial. Dessa forma, uma das implicações que deve ser analisada é a língua inglesa como uma língua franca, ou seja, uma língua tomada como língua comum de grupos sociais que falam, cada um, uma língua diferente de outros, possibilitando uma educação linguística voltada para a interculturalidade, dando ênfase ao respeito às diferenças, desvinculando a língua a um determinado território ou comunidade (EL KADRI, 2010; LOPES & BAUMGARTNER, 2019; DUBOC, 2019). O objetivo do ensino de inglês nas escolas, de acordo com a BNCC, é proporcionar ao aluno, que este se torne inteligível, conseguindo compreender e ser entendido por pessoas de diferentes regiões.

Conforme EL KADRI (2010), o principal desafio na formação de professores reside na maneira de como lidar com as redefinições introduzidas pelos princípios do ensino de inglês como língua franca: os educadores necessitam compreender as implicações da disseminação do inglês e as decisões complexas que terão que tomar. No contexto do ensino de inglês como língua estrangeira, anteriormente era possível estabelecer normas e metas estáveis, mas agora essas certezas estão sendo questionadas devido ao reconhecimento do papel global do inglês. Ainda conforme a autora, a mudança mais significativa para o professor não nativo é a colocação radical em dúvida das ideias de “falantes nativos” e “propriedade do inglês”. A autora argumenta que a abordagem para o ensino de inglês passa por uma transformação substancial, indo de corrigir para adequar, de normas exclusivas do falante nativo para inclusão global, e de formas igualitárias de falar que atendam às necessidades locais.

El Kadri (2010) ainda argumenta que a caracterização do inglês, tanto como língua estrangeira quanto como língua franca (com a mudança do falante nativo como padrão), gera desafios para as questões de identidade no ensino da língua. Atualmente, os professores de inglês se deparam com uma série de questionamentos em relação aos princípios que historicamente guiaram o ensino da língua, desde sua associação a países de língua materna até os objetivos comunicativos considerados essenciais para os alunos. Visto que o inglês representa uma oportunidade de participação em escala global, as identidades formadas nas interações entre o local e o global precisam ser examinadas de maneira crítica durante o processo educacional.

Relacionado à mudança conceitual para inglês como língua franca proposta pela BNCC com o mundo conectado pela internet, o documento argumenta também sobre a questão do multiletramento no que diz respeito às práticas digitais, reforçando a necessidade da comunidade escolar estar equipada dos meios, como o auxílio à internet, softwares e hardwares, para que os conteúdos e atividades sejam aplicados de maneira fluida atendendo diferentes demandas (FREITAS & RODRIGUES, 2022), impulsionando novas formas de dizer, podendo auxiliar no processo de ensino de pronúncia do inglês. Além disso, a BNCC propõe uma abordagem de ensino intercultural, em que o professor necessita de certa atitude de acolhimento e legitimação de diferentes formas de expressão na língua, uma vez que temos uma língua franca é necessário a desconstrução de crenças, como por exemplo o modelo ideal de falante ou até aspectos relativos à “correção” e “proficiência” linguística (CAMPOS & VON MÜHLEN, 2021).

Com isso, tais implicações nos levam aos eixos organizadores do componente Língua Inglesa, para dar suporte ao professor a preparar as aulas, que, por mais que estejam apresentados na BNCC de modo separados, foram pensados para serem desenvolvidos como um combo, ou seja, um não existe sem o outro, sendo eles: Oralidade, Leitura, Escrita, Conhecimento Linguístico e Dimensão Intercultural.

No caso do eixo Oralidade, o qual nos aprofundaremos nessa pesquisa, é proposto que os alunos tenham acesso a recursos midiáticos verbo-visuais, como filmes e séries, para auxiliar no processo de aquisição da língua. Além desses elementos, é importante práticas de linguagem oral presencial com contato face a face, como diálogos, entrevistas e debates, dando possibilidade ao aluno de se arriscar e se tornar inteligível, dando espaço para o outro, superando a insegurança de falar a língua (SANDES, 2023). Ainda, o documento aponta a importância do contato com diversas linguagens além da verbal, explorando o visual, o sonoro, o gestual e o tátil.

No âmbito da BNCC, o foco na oralidade é reconhecido como uma das componentes fundamentais, especialmente quando se trata do ensino de línguas estrangeiras, como o inglês. Isso se deve à importância do desenvolvimento das habilidades de expressão e compreensão oral, que desempenham um papel significativo na comunicação em um idioma estrangeiro. A BNCC tem como objetivo cultivar a competência comunicativa dos estudantes em língua inglesa, abrangendo não apenas a assimilação de vocabulário e estruturas gramaticais, mas também a capacidade de utilizar o idioma de maneira comunicativa e significativa em contextos reais de interação (ANDRADE & SILVA, 2017). O enfoque na oralidade desempenha uma função crucial nesse processo, preparando os estudantes para se comunicarem em inglês de maneira autêntica e contextualizada.

O aprimoramento da pronúncia facilita a compreensão mútua entre falantes de inglês, fortalecendo a capacidade dos alunos de se expressarem de modo inteligível, contribuindo assim para o objetivo maior que é a comunicação na língua-alvo (POST DA SILVEIRA, 2024). No contexto do ensino de inglês como língua franca (ELF), o ensino de pronúncia assume uma abordagem particularmente relevante e distintiva. Em vez de se concentrar exclusivamente em padrões de pronúncia associados a falantes nativos, o objetivo principal do ensino de pronúncia em ELF é promover a comunicação entre falantes não nativos de inglês em contextos internacionais (JENKINS, 2000; 2009).

Nesse sentido, o ensino de pronúncia no contexto de ELF busca desenvolver a clareza na comunicação e a compreensibilidade mútua, priorizando aspectos como entonação, ritmo, ênfase e articulação, em detrimento de normas fonéticas específicas de uma variedade nativa. O foco recai na capacidade dos alunos de se expressarem de maneira compreensível e de compreenderem falantes de inglês globalmente, independentemente de variações regionais ou de sotaques específicos (JENKINS, 2000).

O ensino de pronúncia em ELF, dentro do que a BNCC propõe, deve incentivar a aceitação da diversidade linguística e promover um ambiente em que a inteligibilidade da pronúncia e a comunicação prevaleçam sobre a busca por uma pronúncia padronizada. Essa abordagem reconhece a natureza global do inglês e a necessidade de os alunos se comunicarem em uma variedade de situações interculturais e interlinguísticas. Contudo, resta-nos avaliar se a escola e os professores de língua inglesa, tanto atuantes, quanto em formação, têm os conhecimentos e habilidades para colocarem o projeto da BNCC em ação.

Primeiramente, passaremos a analisar neste artigo se os currículos de alguns cursos de graduação em Letras - Licenciatura, tanto habilitação única em Inglês, quanto habilitação dupla Português - Inglês, apresentam disciplinas que desenvolvam a habilidade oral em inglês dos futuros professores, e ainda, se há disciplinas e professores que formem tais estudantes quanto aos saberes de Fonética e Fonologia de língua inglesa. Esta análise está restrita às universidades do Estado de Goiás, Brasil.

METODOLOGIA

Como metodologia de pesquisa adotamos a análise quantitativa dos currículos de Letras Inglês e Letras Português-Inglês de universidades federais e particulares do Estado de Goiás. Os currículos são provenientes das seguintes universidades federais e particulares de Goiás: UF1, UF2, UF3, UP1, UP2. e qualitativa, Também, investigamos a composição do corpo docente das Universidades Federais, uma vez que, por conta da rotatividade de professores, as universidades privadas não disponibilizam para o público os dados dos professores adjuntos. Por fim, faremos uma análise qualitativa, quando apresentaremos a discussão desses dados quantitativos frente às realidades de ensino e aprendizagem de comunicação oral e pronúncia de língua inglesa das universidades desse Estado, das escolas públicas e no âmbito nacional.

ANÁLISE QUANTITATIVA

Nessa parte da pesquisa, será apresentada uma tabela com o propósito de realizar uma análise quantitativa totalmente baseada nas matrizes curriculares disponibilizadas publicamente pelos cursos de Letras Inglês e Letras Inglês e Português (licenciatura dupla) de universidades, tanto públicas, quanto privadas, do estado de Goiás, buscando investigar a quantidade de disciplinas voltadas para a prática oral e ensino de pronúncia ofertadas durante a formação do futuro docente.

Importante ressaltar que, como não temos acesso às ementas das disciplinas, e, por isso, não saberemos se em alguma outra disciplina há a preocupação com o ensino de oralidade e pronúncia durante as aulas.

A tabela abrange disciplinas do Núcleo Comum, Núcleo Livre, Específico Obrigatório e Específico Optativa, desconsiderando as horas das atividades complementares, ações pedagógicas como as Práticas Curriculares Disciplinares e Práticas Docentes Disciplinares, e trabalho de conclusão de curso.

Universidades	Número total de disciplinas do curso	Número total de disciplinas de Língua Inglesa	Número de disciplinas de oralidade de Língua Inglesa	Número de disciplinas de fonética (e fonologia)
UF1	36	20	2 (Prática oral de Inglês 1 e 2)	1 (Fonética e Fonologia do Inglês)
UF2	36	20	2 (Prática oral de Inglês 1 e 2)	1 (Fonética e Fonologia do Inglês)
UF3	39	17	1 (Prática Oral de Inglês)	2 (Fonética; Fonologia do Português)
UP1	42	26	1 (Prática Oral em Língua Inglesa)	1 (Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa)
UP2	42	7	1 (Oralidade Em Língua Inglesa)	1 (Fonética; Fonologia do Português)

Tabela 1 - Análise de disciplinas voltadas para pronúncia de língua inglesa de cinco universidades do Centro-Oeste do Brasil.

Fonte: as autoras

O curso de Letras Inglês da Universidade Federal 1 (UF1) ofertado em turno noturno, possui, de acordo com a matriz curricular de 2007, 36 disciplinas no total, sendo 28 obrigatórias e 8 referentes a matérias de núcleo livre e matérias optativas. Além disso, 20 matérias são especificamente destinadas à língua inglesa, havendo apenas 2 destinadas à oralidade em LI, sendo estas optativas, ou seja, são de livre escolha do aluno para compor o seu currículo de forma a atender uma formação mais personalizada do profissional que está sendo formado. E, por fim, 1 (uma) matéria voltada para o ensino de fonética e fonologia do inglês.

O curso Letras-Inglês (UF1), objetiva, de acordo com informações disponibilizadas no site da universidade, a formação de profissionais capazes de refletir e lidar com o fenômeno da linguagem, nas suas variadas manifestações, dessa forma, a preparação dos graduandos se dá na área de Linguística, Literatura e Ensino de Línguas. Já na área de Linguística, os graduandos conhecem e estudam as teorias que perpassam a área da Linguística Teórica e Aplicada, em consonância com informações publicadas no site da universidade, conforme dados disponibilizados no site da universidade.

O curso de Letras Inglês da UF2 ofertado em turno matutino possui a mesma matriz curricular que a UF1, dado que até 2019 a instituição ainda tinha como unidade superior (UF2), desse modo, são 36 disciplinas, sendo 28 obrigatórias e 8 referentes a núcleo livre e matérias optativas. O curso de Letras Inglês da UF2 é composto por, de acordo com informações coletadas, disciplinas teóricas que dão suporte necessário nas áreas de estudos linguísticos e de estudos literários, bem como por disciplinas específicas para a formação do docente de língua inglesa.

O curso de Licenciatura em Letras Inglês e Português da Universidade Federal 3 (UF3) ofertado em turno matutino, possui 39 disciplinas, sendo 17 matérias com foco em LI, apenas 1 (uma) disciplina a respeito de práticas orais de inglês como optativa, e não há matéria voltada para a aprendizagem dos licenciandos em fonética e fonologia da língua inglesa, apenas da língua portuguesa. O curso oferta habilitação Português e Inglês (licenciatura dupla), detém como proposta possibilitar ao aluno o desenvolvimento de sua capacidade intelectual e criativa por meio da linguagem, apreendida na sua diversidade linguística e literária, tanto em Língua Portuguesa quanto em Língua Inglesa, em consonância com informações disponibilizadas pela universidade.

O curso de Letras Inglês EAD (Ensino à distância) ofertado pela Universidade Privada 1 (UP1), possui 42 disciplinas. Com este curso, considerando os dados colhidos no site da universidade, o formando será capacitado para dar aulas de inglês, seja nas escolas tradicionais ou em escolas de idiomas, aprendendo sobre a língua inglesa, sua história, particularidades e literatura, em concordância com dados liberados pela própria universidade.

Analisando a Matriz curricular disponibilizada no site da UP1, do total de disciplinas, 26 são disciplinas de Língua Inglesa, as quais são ofertadas a partir do 3º semestre, e são voltadas para estudos literários, linguísticos, de prática oral, além de matérias de estágio, com o objetivo de apresentar ao futuro professor a realidade das salas de aula. No que tange às disciplinas de oralidade de Língua Inglesa, a universidade oferta apenas uma, prevista para o 4º período, nomeada Prática Oral em Língua Inglesa. Ainda, há uma disciplina de fonética e fonologia, entretanto, da Língua Portuguesa, ofertada no 3º período do curso.

O curso de licenciatura em Letras Inglês e Português (licenciatura dupla) oferecido pela Universidade Privada 2 (UP2), a qual oferta de cursos superiores de graduação, pós-graduação e extensão através do Ensino Presencial Conectado, modalidade à distância, possui 42 disciplinas, apenas 7 com o intuito de trabalhar sobre a língua inglesa, tão somente 1 (uma) matéria abrangendo a oralidade em LI, e, finalmente, no que diz respeito a disciplinas de fonética e fonologia o curso disponibiliza apenas estudos dos sons da língua portuguesa.

Para tanto, de acordo com a instituição, é fornecido formação humanística e visão global, propiciando sólida formação para atuar como docente na área, desenvolver atividades específicas da prática profissional, além de desenvolver, no âmbito acadêmico, competências para atuar de forma interdisciplinar. Ainda, em consonância com o site da UP2, o curso fundamenta-se em bases teóricas e científicas, exigidas na maioria das situações pelo mercado de trabalho.

ANÁLISE DO CORPO DOCENTE

Neste item, discutiremos sobre a composição do corpo docente apenas das universidades federais analisadas no tópico anterior, uma vez que as universidades particulares não disponibilizam para o público os quadros de professores. Desse modo, esse levantamento tem o intuito de descobrir se os profissionais adjuntos possuem especializações voltadas para a área de fonética e fonologia. Para isso dividimos a área de letras em três segmentos, sendo eles: Linguística Aplicada, Fonética e Fonologia e Literatura. E, por fim, a quantidade total de professores de Língua Inglesa nas universidades federais.

Esta análise é relevante considerando que estes docentes adjuntos prepararam futuros professores que atuarão no ensino básico, onde estes, por sua vez, terão que trabalhar oralidade em sala de aula. Desse modo, a existência de docentes compondo o quadro de professores da área da fonética e fonologia da educação superior influenciará na formação e na atuação dos futuros docentes.

Universidades	Número total de professores com pesquisas em Linguística Aplicada	Número total de professores com pesquisas em Fonética e Fonologia	Número total de professores com pesquisas em Literatura	Número total de professores de Língua Inglesa
UF1	2	1	1	4
UF2	8	1	2	11
UF3	2	1	1	4

Tabela 2 - Análise do corpo docente de três universidades federais do Centro-Oeste do Brasil.

Fonte: as autoras

Tendo a tabela em vista, iniciaremos pela UF1, a qual possui quatro professores adjuntos, sendo dois mestres e doutores na área de Linguística Aplicada em Língua Inglesa, mais especificamente em Linguistas de Corpus e Crenças, uma professora com mestrado e doutorado em Literatura de Língua Inglesa, e, por fim, apenas uma professora mestre e doutora em Fonética e Fonologia da Língua Inglesa.

Partindo para a UF2, esta possui onze professores adjuntos, sendo oito com linhas de pesquisa voltadas para a Linguística Aplicada, duas professoras da área da literatura, e apenas uma docente que possui várias pesquisas direcionadas ao ensino de fonética e fonologia.

No caso da UF3, uma licenciatura dupla (língua portuguesa e inglesa), o corpo docente é composto por dezoito professores, sendo apenas quatro para as disciplinas de Língua Inglesa. Dentro desse número tem-se dois docentes que pesquisam na área de Linguística Aplicada, uma profissional para as matérias de Literatura, e uma que trabalhou com investigações sobre fonética e fonologia durante o mestrado.

ANÁLISES E DISCUSSÕES

Nesta seção, realizaremos a análise e discussão dos dados apresentados anteriormente, desse modo, a investigação torna-se de caráter crítico com base nas matrizes curriculares e na composição dos corpos docentes dos cursos de Letras Inglês e Letras Português/Inglês de universidades federais e privadas do Estado de Goiás, Brasil, que estão disponíveis para consulta pública nos sites das universidades. Nesse exame será considerado a existência de matérias voltadas para o ensino de oralidade e pronúncia em Língua Inglesa (LI) no currículo de cada Instituição de Ensino Superior (IES) em questão e, ainda, apontaremos críticas sobre a quantidade de professores na área de Fonética e Fonologia.

Iniciando pela UF1, ao observarmos o número de disciplinas de oralidade de Língua Inglesa, identificamos duas matérias nomeadas Prática Oral de Inglês e Prática Oral de Inglês 2, as quais são classificadas como optativas, contudo, a licenciatura em Letras Inglês da UF 1, é composta por apenas 4 professores efetivos de Língua Inglesa, e, dessa forma, estes não conseguem ministrar disciplinas optativas, dado que encontram-se ocupados com as disciplinas obrigatórias e cargos administrativos, ficando sem carga horária para planejamento de tais disciplinas. No que tange às disciplinas voltadas para o ensino de fonética e fonologia da língua Inglesa, o curso oferta apenas uma disciplina obrigatória, e no quadro de professores adjuntos há apenas uma professora que possui pesquisas na área de fonética e fonologia de língua inglesa.

Relevante sinalizar que a matriz curricular publicada em 2007, certamente encontra-se desatualizada, dado que a UF1, passou de campus avançado à uma universidade federal independente há cerca de 5 anos, possuindo algumas pendências decorrentes da recente emancipação. Entretanto, representantes dos Núcleos Docentes Estruturantes (NDE), têm elaborado novos Programas Pedagógicos Curriculares (PPC) dos cursos de graduação da UF1, que deverão entrar em vigor neste e nos próximos anos.

Dessemelhante do curso ofertado na UF1, a licenciatura em Letras Inglês na UF2 possui onze professores efetivos de língua inglesa, sendo apenas dois com pesquisas na área de ensino de pronúncia (Fonética e Fonologia de LI), o dobro da UF1, assim as disciplinas Prática Oral 1 e Prática Oral 2, que trabalham com oralidade são mais prováveis de serem ofertadas pelos docentes como optativas, dando, assim, oportunidade aos alunos de escolherem estas como parte da grade curricular. Ademais, a disciplina de Fonética e Fonologia é a única na matriz curricular que se dedica ao ensino de pronúncia de inglês e produção oral.

Partindo para Letras Inglês e Português da UF3, os licenciandos têm a oportunidade de escolher como optativa a disciplina de Prática Oral de Inglês, aperfeiçoando, desse modo, a sua oralidade e pronúncia. Como disciplina obrigatória, tem-se Fonética, não especificando qual idioma será trabalhado, podendo ser tanto Fonética do Português,

quanto Fonética do Inglês, e, ainda, tem-se Fonologia do Português. Sendo o curso uma licenciatura dupla, há muita especulação quanto à possibilidade de que a Língua Inglesa não seja tão trabalhada quanto a Língua Portuguesa. Especulações essas que merecem ser analisadas em pesquisas futuras. Ainda, a UF3 possui apenas uma professora com pesquisas e interesses na área de Fonética e Fonologia de língua inglesa, podendo esta ofertar disciplinas optativas relacionadas a pronúncia e oralidade de inglês.

Um aspecto notável na Matriz Curricular da UP1 é a ausência de disciplinas de Inglês com o intuito de tornar o futuro professor proficiente na língua, o que intuitivamente nos leva a pensar que os alunos ingressos do curso de Letras Inglês devem possuir domínio prévio da Língua Inglesa para iniciar a licenciatura. No que se refere ao ensino de língua inglesa há apenas 7 disciplinas, sendo apenas uma voltada ao ensino de oralidade em língua inglesa, e não havendo nenhuma disciplina específica para o ensino de fonética e fonologia do inglês.

E, assim como a UP1, a UP2 não oferta disciplinas de Inglês para aumentar a proficiência dos alunos na língua, sendo esperado do aluno completa compreensão da língua estrangeira em questão. Dessa forma, metodologias que trabalham o ensino de pronúncia não poderão ser desenvolvidas com tanta frequência como em cursos que ofertam disciplinas de Inglês 1 ao Inglês 8, por exemplo, para auxiliar o aluno na aquisição da língua, oportunizando o aprendizado mais aprofundado da língua inglesa, como ocorre nas UF1 e UF2.

Por mais que seja uma licenciatura dupla, o curso oferecido pela UP2 parece estar focado nos estudos da língua portuguesa, uma vez que há apenas duas disciplinas de literatura inglesa, não havendo disciplinas de semântica e sintaxe da língua inglesa, apenas da portuguesa, desse modo, indicando que a área linguística do curso tem como prioridade o português.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos os dados é perceptível que matérias focadas no ensino de oralidade e pronúncia de LI nas IES públicas são poucas, sendo ofertadas no máximo duas no que toca a prática de habilidades orais, e, no máximo uma matéria abordando fonética e fonologia de LI, ou nenhuma, no caso da UF3, licenciatura dupla (Português/Inglês), onde há apenas fonética e fonologia do português.

Nas IES privadas os números são menores ainda, contendo apenas uma matéria voltada para o ensino de oralidade do Inglês, e nenhuma matéria focada na pronúncia (fonética e fonologia de LI). Mesmo na UP1, onde o curso é exclusivamente voltado para a Língua Inglesa, a fonética e fonologia que oferecem é da Língua Portuguesa.

Retomando a BNCC, documento que orienta a elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas para o ensino fundamental II e ensino médio no Brasil, a qual argumenta que um dos eixos orientadores para a preparação de uma aula eficiente é o eixo da oralidade combinado com os eixos da Leitura, Escrita, Conhecimento Linguístico e Dimensão Intercultural. A respeito do segmento da oralidade esta envolve:

[...] as práticas de linguagem em situações de uso oral da língua inglesa, com foco na compreensão (ou escuta) e na produção oral (ou fala), articuladas pela negociação na construção de significados compartilhados pelos interlocutores e/ou participantes envolvidos, com ou sem contato face a face. (BRASIL, 2018, p. 243)

Por isso, o ensino de LI conforme a BNCC deve oportunizar aos discentes vivências e reflexões sobre os usos de linguagens orais da língua inglesa como uma língua franca, permitindo que os alunos tenham contato com situações de produção e compreensão oral visando a construção de significados compartilhados. Entretanto, com o pouco número de matérias focadas em ensino de pronúncia e oralidade em LI (fonética e fonologia), e poucos docentes desta área, o eixo da oralidade previsto para o ensino regular é deixado de lado, uma vez que estes professores não fazem ideia de como trabalhar esse tópico e por inseguranças prefere focar nos outros eixos, relegando a oralidade.

Outro ponto que parece desfavorecer o desenvolvimento de conhecimentos e reflexões acerca da comunicação oral de língua inglesa é a relativa falta de professores de ensino superior dos cursos de Letras Inglês (ou dupla, Português/Inglês) que sejam especializados em Fonética e Fonologia do Inglês no quadro nacional de universidades federais brasileiras, conforme aponta Post da Silveira (em preparação). Os casos das universidades federais goianas ainda mostram um quadro favorável em relação ao contexto nacional, pois apresentam ao menos um professor do corpo docente especializado em Fonética e Fonologia em cada uma das três universidades federais do Estado. Em Goiás, a preocupação se apresenta quanto às universidades particulares, pois não trazem informações sobre seu corpo docente de modo a ser acessado publicamente para que se possa avaliar o possível contato dos estudantes dessas instituições de ensino aos conhecimentos de Fonética e Fonologia e a outros aspectos de comunicação oral na língua inglesa, que futuramente terão que ensinar.

Tendo os dados e discussões deste artigo em conta, chegamos à conclusão de que nas IES, tanto privadas quanto públicas, há a necessidade de implementação de mais matérias e mais docentes efetivos na área de ensino de oralidade e pronúncia em LI, uma vez que, de acordo com pesquisas disponibilizadas pelo British Council, muitos professores já graduados consideram como um grande desafio em sala de aula o ensino de oralidade, fala e pronúncia. Consequentemente esses professores deixam de lado esta habilidade, e volta-se para a abordagem gramática e tradução, contrariando as instruções da BNCC de integralização das habilidades. Com mais disciplinas e professores especializados na área, os futuros professores terão uma formação um pouco mais completa e poderiam se sentir mais confortáveis quando se depararem com questões sobre como ensinar oralidade para seus futuros alunos.

Desse modo, se houvessem mais matérias com o intuito de preparar os Licenciando em Letras Inglês para o ensino das habilidades orais e de pronúncia em LI em sala de aula, além de mais professores das áreas de fonética e fonologia, tendo em mente a língua como franca, os futuros docentes se sentiram mais confortáveis para trabalhar o eixo oralidade durante suas aulas. Por isso, há a demanda pela implementação de novas matérias e pela adjunção de professores que trabalham com o ensino desta habilidade nas IES, tanto públicas como privadas.

REFERÊNCIAS

ALVES, U. K. **Ensino de pronúncia na sala de aula de língua estrangeira: questões de discussão a partir de uma concepção de língua como sistema adaptativo e complexo**. Versalete, v. 3, p. 392-413, 2015.

ANDRADE & SILVA, M. K. **Autenticidade de materiais e ensino de línguas estrangeiras**. Pandaemonium Germanicum, São Paulo, v. 20, n. 31, p. 1-29, 2017. DOI: 10.11606/1982-883720311. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/pg/article/view/133586>>. Acesso em: 22 jan. 2024.

ANJOS, F. A. dos. **Desestrangear a língua inglesa: um esboço da política linguística**. Cruz das Almas: EDUFRB, 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC: Brasília, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>> Acesso em 20 de fevereiro de 2023

BRITISH COUNCIL. **O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira**. São Paulo, 2015, 1ª edição. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/cdpXZ>> Acesso em 20 de fevereiro de 2023.

CAMPOS, B.; VON MÜHLEN, L.. **Translinguagem e políticas educacionais do ensino de línguas no Brasil**. In: PIMENTA CULTURAL; BRAHIM, Adriana Cristina Samburgaro de Mattos (Org.). Temas contemporâneos e locais em linguística aplicada. Curitiba: Pimenta Cultural, 2021. p. 27-48.

DUBOC, A. P. M. **Falando francamente: uma leitura bakhtiniana do conceito de “inglês como língua franca” no componente curricular língua inglesa da BNCC**. Revista da Anpoll, v. 1, n. 48, p. 10-22, 2019. Disponível em: 6. Acesso em: 22 jan. 2024.

EL KADRI, M. S. **Inglês como língua franca: um olhar sobre programas disciplinares de um curso de formação inicial de professores de inglês**. Entretextos, Londrina, v. 10, n. 2, p. 64-91, jul./dez. 2010.

FREITAS, F. M.; RODRIGUES, J. A. D. R. **Letramento digital, multimodalidade e multiletramentos: desafios e caminhos possíveis para a educação**. Revista Linhas, Florianópolis, v. 23, n. 52, p. 304–323, 2022. DOI: 10.5965/1984723823522022304. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/20940>. Acesso em: 23 jan. 2024.

Grade curricular do Curso de licenciatura em Letras Português e Inglês. **UNOPAR**, 2023. Disponível em: <<https://www.unopar.com.br/curso/letras-portugues-e-ingles-licenciatura/>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

Grade curricular do Curso de licenciatura em Letras Inglês EAD. **Pontifícia Universidade Católica de Goiás** - PUC Goiás. 2023. Disponível em: <<https://ead.pucgoias.edu.br/cursos-graduacao/letras-ingles-ead>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

LOPES, R. S.; BAUMGARTNER, C. T. **Inglês como língua franca: explicações e implicações**. Versalete, v. 40, n. 2, p. 392-413, 2019. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/37053>>. Acesso em: 22 jan. 2024.

JENKINS, J. **The Phonology of English as an International Language**. O.U.P., 2000.

JENKINS, J. **English as a lingua franca: interpretations and attitudes**. *World Englishes*, Vol.28, No.2, p. 200–207, 2009.

Matriz curricular do Curso de licenciatura em Letras Português e Inglês. **Universidade Federal de Goiás campus Catalão**. 2023. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/508/o/Pt_En_-_Matriz_Curricular_e_Elenco_de_Disciplina.pdf>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

Matriz curricular do Curso de licenciatura em Letras Inglês. **Universidade Federal de Goiás campus Goiânia**. 2007. Disponível em: <<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/25/o/l-i.pdf>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

Matriz curricular do Curso de licenciatura em Letras Inglês. **Universidade Federal de Jataí**. 2007. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/702/o/Letras_Ingles_matriz_curricular_2007.pdf>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

NETO, T. N. **Uma concepção alternativa de educação formal aplicada ao ensino de pronúncia de inglês**. Orientadora: Heliana Ribeiro de Mello. 2006. 178 f. Tese (Doutorado em Letras: Ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ALDR-6VTK77>>. Acesso em: 22 jan. 2024.

POST DA SILVEIRA, A. **Como ensinar pronúncia do inglês sem preparo para isso? Um levantamento nacional de currículos e corpo docente dos cursos de Letras Inglês das universidades federais** (em preparação).

POST DA SILVEIRA, A. **Realidades e crenças sobre o ensino de pronúncia na formação inicial de professores de língua inglesa**. In: POST DA SILVEIRA, A.; SILVA, C.C.; KUPSKE, F.F. Ensino e aprendizagem de pronúncia e formação de professores de línguas não nativas: debates e perspectivas. (em impressão).

SANDES, F. N. **Comunicação não-violenta em língua inglesa a partir dos jogos de RPG**. Orientadora: Selma Maria Abdalla Dias Barbosa. 2019. 178 f. Tese (Doutorado em Letras: Ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2019. Disponível em: 4. Acesso em: 22 jan. 2024.